

Madeireiras do Pará acolhem proposta do Ibama

A indústria exportadora paraense está interessada na exploração das florestas sob o regime de concessão

Raimundo José Pinto
de Belém

A Associação das Indústrias Exportadoras de Madeiras do Estado do Pará (Aimex) divulgou ontem um manifesto de apoio à iniciativa do Ministério do Meio Ambiente e do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (Ibama) de permitir a utilização racional dos recursos florestais através da licitação para concessão das florestas nacionais como unidades de conservação de uso direto para fins de produção sustentada e pesquisa. "A floresta amazônica é um comple-

xo ecossistema que necessita e permite variadas alternativas de exploração racional de seus recursos. A exploração comercial de áreas limitadas em florestas públicas é um desses mecanismos", afirmou Roberto Vergueiro Pupo, presidente da Aimex.

A aimex promove a partir de hoje, em Belém, o III Congresso Internacional de Compensado e Madeira Tropical, junto com a Associação Brasileira das Indústrias de Madeira Compensada e Industrializada (Abimci) e a Federação das Indústrias do Pará (Fiepa).

O presidente da Abimci, Isac Chami Zugman, criticou a ingerência que o G-7, o grupo de países mais ricos

do mundo, pretende ter sobre as florestas brasileiras através do Programa Piloto para a Proteção das Florestas Tropicais do Brasil (PPG-7), em troca de "es-

mola". "Qual o interesse do G-7 no Brasil? Como aceitar a ingerência desses países em nossos assuntos?

Os valores que eles liberam são mi- galhas, uma ofensa. Nós precisamos definir que os direitos sobre as nos-

sas florestas ca- bem aos brasileiros", disse Isac Zugman.

Ao participar ontem de uma entrevista coletiva para falar sobre o congresso e o tema

central do encontro — "Floresta Tropical: Questão de Soberania" —, Isac Zugman defendeu a participação do

"Se a legislação for cumprida, qual a diferença de uma empresa dirigida por brasileiros ou por estrangeiros?"

capital asiático na exploração dos recursos florestais da Amazônia e criticou a atuação do G-7 e de organizações não-governamentais (ONGs). "A madeireira asiática é uma empresa estrangeira como outra qualquer. Se a legislação for cumprida, qual a diferença de uma empresa dirigida por brasileiros para uma dirigida por estrangeiros? A vinda do capital asiático vai ser benéfica para o setor madeireiro no Brasil porque vai estimular a competitividade e a competição é extremamente salutar", disse ele.

Isac Zugman disse que o Brasil

participa hoje com apenas US\$ 800 milhões dos cerca de US\$ 25 bilhões do mercado mundial de madeiras tropicais mas que essa participação deverá triplicar num período de 5 a 10 anos. Ele disse que a II Feira de Máquinas e Produtos do Setor Madeireiro, que será realizada paralelamente ao congresso, terá muitas novidades em equipamentos e serviços para o setor. E defendeu a criação de um órgão específico para tratar da questão florestal no Brasil, a exemplo do antigo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF).

